

A fábrica das obras: reflexões sobre as bibliotecas e as línguas dos escritores

Editorial do Dossiê 54

*Yo, que me figuraba el Paraíso
bajo la especie de una biblioteca*

Jorge Luís Borges

*Une bibliothèque, c'est le carrefour de
tous les rêves de l'humanité.*

Julien Green

A biblioteca tem sido tradicionalmente considerada como reserva do saber e, na modernidade, como espaço de criação literária. Muito antes da *Biblioteca de Babel* de Borges e da enciclopédia do saber contemporâneo de *Bouvard e Pécuchet*, as bibliotecas aparecem na literatura como motor da criação em literatura. Já no *Quixote* – livro nascido de outros livros em que as bibliotecas abundam – estão representadas 1) a biblioteca excessiva de Alonso Quijano (transformado em Dom Quixote pelo efeito da sua leitura) e 2) a biblioteca mínima de três livros contida na maleta do Estalajadeiro (I, 32). Como Cervantes, que escreveu uma obra que extrai a sua textura da própria matéria dos livros, sabemos que Borges e Flaubert leram muito para escrever sua literatura. Portanto, as bibliotecas de escritores são ao mesmo tempo oficinas e receptáculos da obra que vem.

Além dos trabalhos específicos sobre as bibliotecas de alguns escritores ilustres, há alguns estudos gerais sobre as bibliotecas de escritores e tradutores, e sobre as distintas práticas de *marginália*, que mostram a importância da relação com os livros e com as bibliotecas no processo criativo.¹ Da mesma forma, pesquisas realizadas pela equipe *Multilinguismo, Tradução, Criação* do ITEM² vêm mostrando que, com muita frequência, “o monolinguismo aparente pode esconder o multiculturalismo e o plurilinguismo”³ dos escritores, inclusive alguns dos mais emblemáticos

1 D'IORIO, P.; FERRER, D. (dir.). *Bibliothèques d'écrivains*. Paris: CNRS Éditions, 2001 ; BELIN, O; MAYAUX C; VERDURE-MARY, A. (dir.), *Bibliothèques d'écrivains*. Lecture et création, histoire et transmission. Torino: Rosenberg & Sellier, 2018 ; JACKSON, H. *Marginalia: Readers Writing in Books*. New Haven: Yale University Press, 2001; VAN HULLE D.; VAN MIERLO, W. *Variantes*, n° 2/3 (“Reading Notes”). Amsterdam/New York: Rodopi, 2004 ; ORGEL, S. *The Reader in the Book: A Study of Spaces and Traces*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

2 <<http://www.item.ens.fr/multilinguisme/>>.

3 ANOKHINA, O.; SCIARRINO, E. « Présentation, plurilinguisme littéraire ». In : ANOKHINA, O.; SCIARRINO E. (dir.). « Entre les langues », *Genesis*, n° 46, p. 7.

de diversas literaturas nacionais. Portanto, o plurilinguismo destes escritores permanece oculto, pouco conhecido pelo público e pela crítica, e apenas pode se revelar por meio dos seus documentos de trabalho (rascunhos, notas, roteiros), sua correspondência e as suas bibliotecas.

Os rascunhos e a correspondência⁴ nos fornecem informações sobre as línguas mais “ativas”, utilizadas tanto na vida cotidiana quanto no processo criativo pelos escritores multilíngues, pois o *bilinguismo* amplamente (re)conhecido — como o de Nabokov, Beckett ou Tolstói — pode, na realidade, ocultar um verdadeiro *plurilinguismo*. As bibliotecas de escritores, por outro lado, oferecem uma visão ainda mais ampla e aberta do espectro linguístico do criador, fornecendo informações sobre as línguas “lidas” e “compreendidas” por um escritor, que intervêm na sua formação intelectual e podem influenciar práticas criativas em uma língua “nacional”. Por exemplo, a biblioteca de Haroldo de Campos, com mais de 20 mil livros em ao menos 37 línguas,⁵ e a biblioteca de Umberto Eco, com cerca de 45 mil volumes em várias línguas, em vez de dar forma a um universalismo monolíngue, como acontece frequentemente na literatura atual,⁶ encarnam um espaço de tensões múltiplas e fraturadas, em que é possível ler a inscrição de certas línguas em outras de forma recíproca.

Por isso, este número da *Manuscrita* se propõe a estudar as bibliotecas a partir da perspectiva de um plurilinguismo na encruzilhada de dois mitos: o de Babel e o de Pentecostes. As contribuições a este número respondem a algumas das seguintes perguntas: O que é uma biblioteca multilíngue? Qual é a relação entre bibliotecas e multilinguismo? Qual é a relação entre o multilinguismo das bibliotecas e o trabalho criativo dos escritores? Como as anotações dos leitores marginalistas nos volumes de suas bibliotecas colocam diferentes línguas em contato? Que informações as anotações marginais dos escritores fornecem sobre seu domínio das línguas? Que papel a tradução desempenha?

Inclusive em maior medida do que os rascunhos (que dão conta do processo criativo e do papel das diferentes línguas na criação de uma obra por parte dos escritores multilíngues) e a correspondência (que proporciona uma visão bastante precisa das línguas utilizadas por um escritor e do seu grau de domínio delas), as bibliotecas de escritores impõem uma reflexão essencial: as bibliotecas monolíngues realmente existem? E, por extensão, existem escritores monolíngues? Todo escritor cria sua obra dentro de um sistema que poderia ser chamado de *Weltliteratur*, do qual ele é produto e que o inspira e o guia na sua própria criação. Ao

4 LERICHE, F.; PAGES, A (dir.). **Genèse & Correspondances**. Paris: Éditions des archives contemporaines, 2012.

5 HIDALGO NÁCHER, M. Translation and Anthropophagy from the Library of Haroldo de Campos. In: CABRERA, D.; KRIPPER, D. (eds.). **The Routledge Handbook of Latin American Literary Translation**. London: Routledge, 2023.

6 Esta tendencia caracteriza en menor medida las épocas anteriores. Ver, por ejemplo, ANOKHINA, O.; DEMBECK, T.; WEISSMANN, D. (dir.). **Mapping Multilingualism in 19th Century European Literatures** / Le plurilinguisme dans les littératures européennes du XIXe siècle. Zurich: Lit-Verlag, 2019.

ler em sua língua original ou em tradução as mais diversas obras literárias e críticas provenientes de outros horizontes linguísticos, geográficos e culturais, todos os escritores, qualquer que seja a sua língua de expressão, formam parte desta cosmologia cultural universal que inclui todas as línguas do mundo.

A partir da questão do multilinguismo, este dossiê da *Manuscrita* propõe uma modesta e incipiente contribuição à reflexão sobre certas problemáticas ligadas às bibliotecas enquanto oficinas de escrita e arquivos culturais. O dossiê se abre com a contribuição “As bibliotecas multilíngues dos escritores russos do século XIX”, em que Olga Anokhina estuda o caso de Aleksandr Pushkin e de Liev Tolstói, dois grandes escritores russos que dominavam e utilizavam de forma cotidiana diversas línguas estrangeiras. Olga Anokhina mostra como tendemos a ignorar o fato de que alguns dos escritores nacionais mais emblemáticos falavam de forma corrente diversas línguas, assim como os escritores publicamente reconhecidos como “bilíngues” são, na verdade, profundamente plurilíngues. Vestígios e evidências do impacto exercido por diferentes línguas em sua produção em uma língua nacional podem se manifestar, na maioria dos casos, graças ao estudo dos arquivos, que incluem os rascunhos, a correspondência e as bibliotecas pessoais. Esta contribuição mostra que os arquivos, dos quais a biblioteca pessoal faz parte, são fundamentais não apenas para o estudo da criatividade dos autores, mas também enquanto memória histórica e cultural da humanidade.

O segundo artigo, “De Kilchberg a Verona: as bibliotecas de Conrad Ferdinand Meyer”, de Mathilde Vanhelmon, trata das bibliotecas do escritor suíço Conrad Ferdinand Meyer, cujas histórias ela reconstrói, insistindo na importância de sua diversidade linguística. O autor utiliza o conceito de “biblioteca de trabalho”, que engloba tanto a biblioteca pessoal do escritor quanto as bibliotecas públicas às quais ele teve acesso. Mathilde Vanhelmon se pergunta em particular a respeito dos usos que Meyer fez da biblioteca – que ela concebe como um meio de acesso à literatura mundial – na relação com seu próprio trabalho criativo. Para Meyer, o valor das bibliotecas também se manifesta por meio do lugar de destaque dado a elas na sua obra de ficção. Deste modo, o artigo analisa tanto as bibliotecas reais nas quais Meyer trabalhou quanto as bibliotecas fictícias que ele representou nas suas obras. A biblioteca constitui assim o ponto de partida privilegiado para a compreensão da obra do autor.

Enquanto as duas primeiras contribuições tratam de escritores do século XIX, “Yo, je, io, I: o multilinguismo e a tradução em Enrique Pezzoni”, de Cristian Ramírez, se consagra a um crítico e tradutor argentino do século XX. Em seu artigo, Ramírez reconstrói a relação de Pezzoni com as línguas por meio do estudo da sua biblioteca e da sua prática de tradução. Nele, o autor evoca sobretudo a aprendizagem de línguas de Pezzoni, assim como as relações que manteve com elas, dedicando atenção especial à sua prática de tradução e às suas reflexões sobre ela, que o levarão a ensinar, já no final da sua vida (entre 1981 e 1984), a disciplina “Teoria e prática da tradução literária em inglês” na Universidade Nacional de La Plata. Ramírez analisa a composição da biblioteca pessoal de Pezzoni e as diferentes línguas ali contidas, mostrando a importância de integrar a trajetória linguística e as práticas de leitura e de tradução do autor no estudo da sua obra.

O quarto artigo, escrito por María Celina Ortale, é dedicado à “Biblioteca multilíngue de Joaquín V. González e a tradução do *Rubaiyat*”. Ele examina o trabalho de tradução realizado por este proeminente político e escritor argentino no final do século XIX e início do século XX. E, mais concretamente, aborda a maneira como ele traduziu o *Rubayat* de Omar Khayyam, voltando tanto aos seus manuscritos como à sua biblioteca – conservada na Biblioteca Pública da Universidade Nacional de La Plata, e na qual se encontram trinta edições diferentes da referida obra. Neste estudo, que lança luz sobre uma parte pouco explorada da obra de Joaquín V. González, mostra-se como a primeira tradução completa e versificada do *Rubaiyat* para o espanhol foi amplamente mediada pela versão inglesa de FitzGerald.

Este dossiê se fecha com a contribuição “‘Cada vez, tantas línguas em qualquer língua’. ‘A biblioteca multilíngue de Haroldo de Campos’”, de Max Hidalgo Nácher. Em seu artigo, o autor descreve o lugar que as diferentes línguas ocupam na biblioteca pessoal e no projeto intelectual do poeta, crítico e tradutor brasileiro. A história da formação da sua biblioteca, com suas dedicatórias e anotações, assim como a ampla e variada correspondência do poeta, permitem compreender o impacto das diferentes línguas na sua escrita em português. Constatando a situação de menorização na qual tal língua se encontra, enquanto língua periférica, no sistema mundial da tradução, Max Hidalgo Nácher estuda as estratégias de Haroldo de Campos para se inscrever em um espaço de intercâmbios do qual, a priori, estaria excluído. Assim, este artigo relaciona a biblioteca do poeta com outras bibliotecas e arquivos, o que permite repensar uma política e uma visão literária monolíngues, destacando a importância das relações entre as línguas e entre as culturas.

Esperamos que esta publicação possa incentivar outros pesquisadores a seguir a reflexão sobre o papel e a função das bibliotecas de escritores, assim como sobre a sua dimensão multilíngue.

Olga Anokhina (Institut des textes et manuscrits modernes, CNRS/ENS)
Max Hidalgo Nácher (Universitat de Barcelona)

Editores

Manuscrita

Revista de Crítica Genética

São Paulo n. 54 – 2024

EDITORES DESTE NÚMERO

Max Hidalgo Nácher
(Universitat de Barcelona)

Olga Anokhina
(Institut des textes et manuscrits modernes.
École Normale Supérieure de Paris)

EDITOR RESPONSÁVEL

Giovani T. Kurz
(Universidade de São Paulo)

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Kurata

CAPA

Design: *Larissa Kurata*

Imagem: *Livros de Goethe, Lao Tseu, Kant, Rousseau, Victor Hugo, Dickens, Genesis, da Biblioteca Pessoal de Liev Tolstói, e Manuscrito anotado do romance Anna Kariénina. Museu de Liev Tolstói Yasnaia Poliana.*

EQUIPE EDITORIAL**Editores-chefes**

Patricia Kiss Spineli
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Claudia Amigo Pino
(Universidade de São Paulo)

Editores-executivos

Aline Novais de Almeida
(Universidade de São Paulo)

Edson do Prado Pfützenteuter
(Universidade Estadual de Campinas)

Giovani T. Kurz
(Universidade de São Paulo)

Katerina Blasques Kaspar
(Universidade de São Paulo)

Leonardo Cavalcante Mendes
(Universidade de São Paulo)

Manuscrita é uma publicação da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) e da Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA) da Universidade de São Paulo.

E-mail: manuscrita@usp.br
Portal da revista: www.revistas.usp.br/manuscrita

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em
Letras Estrangeiras e Tradução
Coordenadora da Pós-Graduação: Eliane Lousada
Vice-coordenadora: Mona Hawi

DIRETORIA APCG

Presidente – *Patricia Kiss Spineli* (PUC-SP)
Vice-presidente – *Claudia Amigo Pino* (USP)
Secretária Geral – *Katerina Blasques Kaspar* (USP)
Tesoureiro – *Giovani T. Kurz* (USP)
Secretária de divulgação – *Aline Novais de Almeida* (USP)
1º suplente: *Edson do Prado Pfützenteuter* (Unicamp)

CONSELHO EDITORIAL

Alícia Duhá Lose
(Universidade Federal da Bahia)

Aline Novais de Almeida
(Associação de Pesquisadores em Crítica Genética)

Aparecido José Cirillo
(Universidade Federal do Espírito Santo)

Aurèle Crasson
(Institut des textes et manuscrits modernes)

Carla Cavalcanti e Silva
(Universidade Estadual Paulista)

Cecília Almeida Salles
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Claudia Amigo Pino
(Universidade de São Paulo)

Edson do Prado Pfützenteuter
(Universidade Estadual de Campinas)

Erica Durante
(Brown University)

Graciela Goldchluk
(Universidad Nacional de La Plata)

Josette Monzani
(Universidade Federal de São Carlos)

Lea Hafter
(Universidad Nacional de La Plata)

Mabel Meira Mota
(Universidade Federal da Bahia)

Márcia Edlene Mauriz Lima
(Universidade Estadual do Piauí)

Maria Eunice Moreira
(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Márcia Ivana Lima e Silva
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Maria da Luz Pinheiro de Cristo
(Universidade Federal do Espírito Santo)

Maria Soledad Falabella
(Universidad de Chile)

Max Hidalgo Nácher
(Universitat de Barcelona)

Miguel Rettenmaier
(Universidade de Passo Fundo)

Moema Rodrigues Brandão Mendes
(Centro Universitário Uni Academia.
Fundação Casa de Rui Barbosa)

Mônica Gama
(Universidade Federal de Ouro Preto)

Olga Anokhina
(Institut des textes et manuscrits modernes.
École normale supérieure de Paris)

Patricia Kiss Spineli
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Paolo D'Iorio
(Institut des textes et manuscrits modernes.
École normale supérieure de Paris)

Philippe Willemart
(Universidade de São Paulo)

Rosa Borges
(Universidade Federal da Bahia)

Sérgio Romanelli
(Universidade Federal de Santa Catarina)

Sílvia Maria Guerra Anastácio
(Universidade Federal da Bahia)

Telê Ancona Lopez
(Universidade de São Paulo)